

Ensaio bibliográfico sobre a Economia da Poaia na Zona da Mata Mineira

Márcio Xavier Corrêa, UESC – Especialização em História do Brasil
marcioxcorrea@yahoo.com.br

A economia da poaia é um termo amplo que compreende uma série de processos sociais ocorridos na região atualmente conhecida como Zona da Mata Mineira que se caracterizavam de um modo geral pelo contato inter-étnico entre brancos e indígenas e pelo desenvolvimento de atividades econômicas baseadas no escambo/comércio de produtos naturais, artigos manufaturados e cachaça. Dentre os produtos naturais, estavam as raízes de uma planta medicinal denominada *Cephaelis ipecacuanha*, ou poaia. Também denominado ipeca, este arbusto de pequeno porte que crescia no interior de florestas úmidas e sombreadas se tornou largamente conhecido no Brasil e na Europa pelas propriedades fitoterápicas que apresentava. Sua utilização era recomendada em casos de diarreias, bem como para induzir ao vômito, conforme a definição abaixo:

“IPECACUANHA. Celebre planta da America, & hoje muy conhecida na Europa, pella sua notável efficacia contra as dysenterias & affectos do citomago. Tem raiz delgada, torcida, fibrosa, com muytos nós, de côr fusca, de sabor acre, & amargoso. Lança hum talo redondinho, & cinzento, parte do qual se levanta com sette, ou outo folhas em cima, & outra se abaixa, & rastejando cria outras raízes. [...] He esta erva amiga dos lugares silvestres, humidos, & sombrios, & transplantada em hortas, ou campos cultivados, não medra [cresce]. [...] Aindaque a Ipecacuanha seja hum dos mais soberanos remédios para camaras de sangue [evacuação intestinal com sangue], não he certo; quando despois de o ter tomado em pó três vezes, o doente não se acha aliviado, he necessário deixá-lo e apelar para outro. Sinal, de que há de obrar [defecar] bem, he o vomito; em alguns doentes, aindaque não vomitem, produz o seu effeito, purgando-os primeiro por baixo. A Ipecacuanha he purgativa & astringente, Purgativa, pella sua prte mais dissolúvel; & assi purga com vômitos, & camaras; astringente, pella sua parte terrestre; & assi aperta, & fortalece todas as fibras das entranhas”.¹

Sua importância farmacológica era clara, conforme o verbete do dicionário Bluteau, datado da primeira metade do século XVIII, e permanece ainda no final do século XIX. Neste período pode ser constatada a presença da poaia enquanto medicamento apreciado pelas propriedades terapêuticas que proporcionavam alívio a diversos males que atacavam os pulmões (devido ao efeito expectorante da infusão de suas raízes) e os intestinos (ao combater a diarreia).

¹ BLUTEAU, Raphael. Ipecacuanha. In: _____. **Vocabulario Portuguez & Latino**. Coimbra: 1712 – 1728. Disponível em: < <http://www.ieb.usp.br/online/index.asp> > acesso em 26/06/2009.

Tais aplicações da erva medicinal podem ser evidenciadas também, no Dicionário de Medicina Popular², em verbete específico transcrito parcialmente a seguir:

“IPECACUANHA ou Poaya: [...] A raiz de poaya administra-se principalmente em pó, para provocar os vômitos, na dose diária de 75 a 150 centigrammas para os adultos, de 30 a 50 centigrammas para as crianças, em uma pouca d’água morna. Dá-se também em infusão, que se prepara com 8 grammas de poaya e um copo d’água quente. Esta raiz entra em muitas preparações; as principais são: o xarope de ipecacuanha, que se administra principalmente nas bronchites das crianças, na dose de uma a duas colheres *de sopa*, e as pastilhas, de que se tomam duas a quatro por dia como expectorantes.”³

As melhoras na saúde obtidas a partir da ingestão do preparado das raízes ou do pó obtido pela trituração das mesmas, especialmente no combate a diarreia e como expectorante tornaram a planta conhecida internacionalmente. Tal reconhecimento advinha da ação de substâncias com propriedades medicinais da planta que atualmente são conhecidas e sua eficácia comprovada pela farmacologia. Tais princípios são a “...a emetina e a cefalina que conferem à planta um poder emético e amebicida...”⁴ tornando-a adequada no tratamento de bronquite e desintéria amebiana, doença parasitária provocada por um microrganismo denominado *Entamoeba histolytica*. Contudo, no âmbito deste texto interessa particularmente discutir como o comércio da poaia foi abordado pela historiografia mineira, ou referente a região da Zona da Mata Mineira apontando algumas considerações metodológicas sobre tais autores.

A análise desta prática econômica, aqui entendida como lugar de produção e vivência da cultura pelos agentes sociais envolvidos, possibilita a identificação do processo de antropização do ambiente florestal por meio de uma abordagem na qual serão considerados, além da interação entre o homem e a floresta, a interação entre os atores sociais e suas redes de relações com vistas à identificação dos agentes em seu processo de ressignificação e apropriação do ambiente natural. Ocorrida principalmente na segunda e na terceira década do século XIX, o extrativismo vegetal da poaia contribuiu para o processo de colonização da região por meio da destribalização dos indígenas envolvidos e da delimitação de novos territórios e fronteiras econômicas. Em

² CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. **Dicionário de Medicina Popular**. Paris: A. Roger & F. CHERNOVIZ Editora, 1890. Disponível em < <http://www.ieb.usp.br/online/dicionarios/Medico/imgDicionario.asp?varqImg=1509&vplChave=ipecacuanha> > Acesso em 27/04/2008.

³ CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. Ipecacuanha ou Poaya. In: _____ **Dicionário de Medicina Popular...** P. 244-5.

⁴ LAMEIRA, Osmar Alves. Cultivo da Ipecacuanha (*Psychotria ipecacuanha* (Bot.) Stokes). **Circular Técnica 28** (online). Belém, Pará: Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento – Embrapa Amazônia Oriental, Set. de 2002. p. 1. Disponível em < <http://www.cpatu.embrapa.br/online/circular/Cir.tec.28.pdf> >, acesso em 12/06/2008

relação à denominação do objeto desta análise considera-se que a economia da poaia é uma expressão que se refere a um processo amplo que incluía a prática do comércio, denominado escambo por alguns autores, entre indígenas e colonizadores sendo que estes remuneravam as raízes trazidas pelos indígenas com cachaça e produtos de ferro e tecidos.

O fenômeno acima mencionado tem aparecido na literatura consultada de forma marginal, embora recorrente, em trabalhos sobre a Zona da Mata em diversos períodos. Para efeito deste estudo, considera-se como trabalho pioneiro em citar a presença da poaia, bem como sua exploração econômica, a obra intitulada *Capítulos de História Colonial*.⁵ Para Capistrano de Abreu, a poaia existente na Zona da Mata Mineira pode ser considerada como um elemento facilitador da passagem da região conhecida como alto Rio Doce para a bacia do Rio Pomba em função do comércio com os indígenas, possibilitando o surgimento de um espaço econômico da poaia por meio da qual se formaram caminhos rumo ao litoral⁶. A partir deste contato inter-étnico, que se desenvolvia ao longo do processo de interiorização Capistrano de Abreu evidencia a importância do indígena e do sertanejo enquanto agentes históricos atuantes na construção do espaço social brasileiro considerando que a “... a conquista do território se fez a custa da expulsão, do extermínio e da escravização do indígena...”.⁷ Embora a permanência de métodos portugueses na conquista do interior do Brasil, Capistrano realiza um “... elogio da expansão e conquista do território brasileiro pelos brasileiros”⁸, que na sua obra aparece como mestiço de índio e português, predominantemente. Dessa forma, o sertanejo mestiço e corajoso é o sujeito da História do Brasil escrita por Capistrano, que atribui “... ênfase à documentação escrita e bem criticada e seu estilo é ainda descritivo e narrativo”.⁹ Quanto às informações sobre a poaia, Capistrano se vale dos relatos de viagem como fonte, especificamente a *Viagem pelo Brasil*.¹⁰

⁵ ABREU, Capistrano. **Capítulos de História Colonial: 1500 – 1800**. Brasília: Conselho Editorial do Senado Federal, 1998.

⁶ ABREU, Capistrano. “O Sertão”. In: _____. **Capítulos de História Colonial...** Pag. 155 – 6.

⁷ REIS, José Carlos. “Anos 1900: Capistrano de Abreu: O surgimento de um povo novo: o brasileiro. In: _____. **As Identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC**. 5ª Edição. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002. Pag. 106.

⁸ REIS, José Carlos. “Anos 1900: Capistrano de Abreu O surgimento de um povo novo: o brasileiro. In: _____. **As Identidades do Brasil...** pag. 111.

⁹ REIS, José Carlos. “Anos 1900: Capistrano de Abreu O surgimento de um povo novo: o brasileiro. In: _____. **As Identidades do Brasil...** pag. 113.

¹⁰ SPIX, Johann Baptist von. **Viagem pelo Brasil: 1817-1820**. Trad. de Lúcia Furquim Lahmeyer. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1981. v. 1.

A presença da poaia na Zona da Mata Mineira é mencionada, posteriormente, na obra de Paulo Mercadante intitulada *Os sertões do leste: Estudo de uma região: a mata mineira*.¹¹ Neste trabalho, a poaia aparece pontualmente, embora a ela já seja atribuída uma significativa importância econômica, uma vez que “... exploradores em busca de ipeca e poaia chegavam a região, atraindo os índios para o escambo”.¹² Este processo de escambo é entendido por Mercadante como de grande significado para a formação econômica e social da região, embora o autor não faça uma referência mais aprofundada a respeito do tema. Em uma narrativa que exalta a bravura dos forasteiros sobre os perigos da terra, Mercadante situa a poaia como uma atividade crescente:

“Com o avançar sobre charcos e serrarias, enfrentando perigos de ciladas, os forasteiros afoitavam-se as terras banhadas pelos afluentes do (Rio) Pomba. O comércio da poaia facilitava a penetração. Os índios recebiam pelas ervas a aguardente introduzida em seus aldeamentos. (...) a arrancada dos poaieiros acentua-se ano a ano. Provocava-se o devassamento e conseqüente povoação, mas o comércio infrene, desapiadado e brutal levava o selvagem ao extermínio”¹³

O comércio da poaia desenvolveu-se na região estruturado com base no escambo realizado entre os silvícolas e colonizadores, ao mesmo tempo em que se desenvolviam práticas agrícolas que avançavam sobre as matas alterando a conformação da paisagem. De acordo com Mercadante, existia “... poaia por toda parte, extraída pelos puris, já relacionados aos traficantes, que conduziam a mercadoria para a praça de Campos”.¹⁴ Percebe-se, portanto, que tanto Capistrano de Abreu quanto Paulo Mercadante consideravam a economia da poaia como uma atividade expressiva nas minas gerais, assumindo papel importante na formação econômica e social da região. Contudo, estes autores não aprofundam a investigação de tal prática impossibilitando assim uma melhor compreensão do impacto social e ambiental causado pela extração da ipecacuanha. Tampouco analisam as redes sociais que se formaram entre os atores sociais envolvidos ou as relações de natureza econômica.

Na década de 1990 surge outro trabalho bastante inovador cujo objeto de estudo, a floresta atlântica, incluía o espaço geográfico sobre o qual se desenvolvia o processo econômico

¹¹ MERCADANTE, Paulo. **Os sertões do leste: Estudo de uma região: a mata mineira**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1973.

¹² MERCADANTE, Paulo. O devassamento da bacia do Paraíba. in: _____. **Os sertões do leste...** Pag. 43.

¹³ MERCADANTE, Paulo. O devassamento da bacia do Paraíba. in: _____. **Os sertões do leste...** Pag. 44

¹⁴ MERCADANTE, Paulo. O devassamento da bacia do Paraíba. in: _____. **Os sertões do leste...** Pag. 51

em tela. Trata-se da obra *A ferro e fogo: a história e a devastação da mata atlântica brasileira*¹⁵, na qual Warren Dean analisa o processo de apropriação da floresta pelos grupos étnicos evidenciando as perdas e o impacto sofrido pelo ambiente natural. Dentre as atividades de extrativismo vegetal destacadas por este autor, está a exploração da poaia e das madeiras de lei. Contudo, estes processos se diferenciam, pelas razões óbvias de que se trata de espécies vegetais diferentes com aplicações comerciais também distintas. O corte e a extração da madeira eram atividades submetidas ao rigor de uma legislação florestal que se tornou particularmente rígida nas últimas décadas do império ultramarino português. Caracteriza este período de modo geral o a decadência da atividade mineratória e conseqüentemente problemas financeiros que levam a elaboração de uma política de proteção às florestas situadas no litoral e nas proximidades de leitos de rios navegáveis.¹⁶ Estas medidas de controle aplicadas sobre a extração da madeira traziam consigo um processo de burocratização da atividade extrativa cujo corte era regulamentado por um corpo de funcionários cujas atribuições específicas recaiam sobre a viabilização do corte de madeira de acordo com os interesses reais.¹⁷ O quadro econômico e burocrático criado em torno da extração de madeira não encontra organizações congêneres relacionadas ao processo de extração da poaia. Esta atividade, diferentemente da exploração de madeira, não se encontra organizada sob um parâmetro burocrático, prevalecendo, para o período analisado, como práticas reguladas por outros fatores, mais contingenciais.

Retomando a questão da poaia, esta aparece na obra de Warren Dean como o a planta medicinal melhor sucedida no mercado europeu de ervas medicinais, sendo apresentado também o valor de quatro toneladas anuais exportadas pelo Rio de Janeiro no começo do século XIX. Quanto a técnica extrativa Dean afirma que eram arrancadas na época de floração pela facilidade de identificação da flor branca no ambiente escuro da mata.¹⁸ Ainda de acordo com este autor, a exportação chegou a 25 toneladas anuais em 1860, embora o processo de extração tenha levado

¹⁵ DEAN, Warren. **A ferro e fogo: a história e a devastação da mata atlântica brasileira**. São Paulo: Cia das Letras, 1996.

¹⁶ CABRAL, Diogo de Carvalho. Substantivismo econômico e história florestal da America portuguesa. In: **Vária História**, Belo Horizonte, vol. 24, n. 39: pag. 113 – 133, jan/jun 2008. Pag. 129

¹⁷ CABRAL, Diogo de Carvalho. Substantivismo econômico e história florestal da America portuguesa. In: **Vária História...** pag. 130.

¹⁸ DEAN, Warren. “A ciência descobre a floresta”. In: _____. **A ferro e fogo: a história e a devastação da mata atlântica brasileira**. São Paulo: Cia das Letras, 1996. Pag. 147.

ao declínio da atividade na Zona da Mata Mineira a partir de 1830, deslocando-se para regiões mais centrais do Brasil.¹⁹

Percebe-se na análise de Dean, uma tentativa de quantificação da poaia exportada, cujos valores indicam, considerando a sua pertinência, a grande relevância da atividade em estudo para uma melhor compreensão dos processos sociais conformados em torno desta prática extrativista. Contudo, Dean não se ampara em um corpus documental consistente ao realizar considerações sobre a extração da poaia na Zona da Mata Mineira, não estando aí incluídas, por exemplo, as correspondências recebidas e emitidas por Guido Thomaz Marliere, em que são identificadas preciosas referências ao comércio da poaia, bem como às redes sócias desenvolvidas no espaço econômico determinado por tal prática. Embora identifique o elemento humano inserido na atividade extrativa não existem considerações mais profundas sobre os processos de interação entre os comerciantes e extratores da erva. Warren Dean considera que a ação humana sobre a floresta, tanto em relação às madeiras de lei quanto em relação à poaia e outras plantas medicinais, foi permeada por uma mentalidade que conduziu o processo de colonização pela lógica do desperdício provocando transformações e impactos no meio ambiente. Em relação à poaia, o método de retirada da planta da natureza consistiu em um fator de impacto ambiental capaz de produzir a extinção local da poaia. Extensa na zona da mata mineira até a década de 1830, a atividade dos palheiros teria se deslocado para o interior do Brasil, tornando-se evidente no estado do Mato Grosso, conforme as pesquisas realizadas por Warren Dean.

A atividade extrativa da poaia aparece na obra citada anteriormente como resultado da ação humana inserida em um modelo de análise no qual aparece uma ênfase no desperdício e na imprevidência. Esta perspectiva, contudo, indica a aplicação de modelos apriorísticos que ignoram elementos delineadores da realidade social, como por exemplos as relações de poder estabelecidas entre os agentes. Este modelo de análise, como salienta Diogo de Carvalho Cabral, não considera as particularidades da organização social da América Portuguesa²⁰.

A presença da poaia enquanto elemento em torno do qual se organizou um processo econômico aparece também na obra *Sertão do Rio Doce*²¹, de autoria de Haruf Salmén

¹⁹ DEAN, Warren. “A floresta sob o governo brasileiro”. In: **A ferro e fogo...** Pag. 177

²⁰ CABRAL, Diogo de Carvalho. Substantivismo econômico e história florestal da América portuguesa. In: **Vária História...** pag. 119-120.

²¹ ESPÍNDOLA, Haruf Salmén. **Sertão do Rio Doce**. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

Espíndola, para quem o processo de navegação do Rio Doce “... criava oportunidades para o comércio do fumo e, sobretudo, para a extração da ipecacuanha”²².

A considerável análise documental empreendida por Espíndola, bem como um recorte espacial que inclui a Zona da Mata Mineira Central, palco do processo em tela, possibilitou a este autor perceber a relevância da extração da poaia a partir da sua recorrência na ampla documentação consultada, dentre a qual esta situado o conjunto de correspondências do diretor dos aldeamentos organizados nas proximidades dos rios Pomba e Doce.

Ao propor uma análise baseada em vasta documentação primária dos processos sociais e econômicos decorridos no entorno do Rio Doce, compreendido como “... território, paisagem, lugar, representação...”²³, bem como na abrangência das divisões militares que atuaram na região, Haruf Salmén Espíndola identificou a comercialização da poaia enquanto um processo econômico típico da região repetidamente citado nas correspondências oficiais emitidas e recebidas pelo diretor de índios Guido Thomaz Marliére. Este, através da formação dos aldeamentos contribuiu para dinamizar a economia mineira de produtos do extrativismo vegetal, como a planta medicinal em questão, “... uma vez que a formação de vários aldeamentos liberou o território para a entrada de sesmeiros e posseiros e disponibilizou, para os negociantes de poaia, a mão de obra indígena para o trabalho de coleta”²⁴. A partir da leitura deste texto é possível perceber que a organização da prática extrativista estava, portanto, relacionada com o processo de formação das propriedades agrícolas a partir da doação das sesmarias e da chegada de novos colonizadores para a região desencadeando relações de conflito. Estes estavam estreitamente ligados com a delimitação de novas fronteiras cujas percepções eram derivadas das próprias concepções de vida e existência, diferenciando como os atores sociais em interação percebiam as novas delimitações de fronteiras bem como a constituição de um espaço econômico. Esta categoria pensada como um elemento dinâmico e mutável permite identificar a sobreposição desigual das fronteiras naturais, geográficas e políticas. Este processo se torna nítido a partir do avanço da concessão de sesmarias sobre as terras indígenas gerando conflitos entre os indígenas e colonizadores.

²² ESPÍNDOLA, Haruf Salmén. **Sertão do Rio Doce...** Pag. 23.

²³ ESPÍNDOLA, Haruf Salmén. **Sertão do Rio Doce...** Pag. 26.

²⁴ ESPÍNDOLA, Haruf Salmén. **Sertão do Rio Doce...** Pag. 287.

Contudo, ao mencionar que a economia mineira antes da chegada do café baseava-se na produção de gêneros de subsistência e também na extração da poaia, o autor sugere a importância econômica desta prática:

“Antes do café os fazendeiros além de cultivarem o algodão e gêneros de subsistência, também se dedicaram ao comércio de poaia. (...) A poaia foi a principal fonte de enriquecimento. Os índios extraíam a planta e trocavam-na por pano, ferramentas e aguardente. A arroba de poaia era vendida aos negociantes por cerca de nove mil réis e destinava-se aos mercados da França e Inglaterra”²⁵.

O autor do livro *Sertão do Rio Doce* considera que o processo de colonização estabelecido no espaço geográfico ocupado pelo território do Rio Doce ocorreu a partir do interesse econômico na região. Tal afirmação é sustentada pela criteriosa análise de extenso *corpus* documental, passível de quantificação, no qual são identificados, além dos elementos de natureza econômica “... ações de natureza política e social, tais como ocupar o território, contatar e atrair os povos nativos e promover o povoamento”²⁶. Para este autor, o processo de povoamento da região pretendido a partir da instalação das divisões militares ao longo do Rio Doce para possibilitar o povoamento e a navegação do mesmo rio não se efetivou, mas permitiu o desenvolvimento de uma prática econômica intensa por meio da negociação da poaia.

“O principal fator de devassamento da região foi a extração da ipecacuanha (poaia), que envolveu negociantes, intermediários, agenciadores, militares, coletores luso-brasileiros e índios. O controle do território pelas forças divisionárias abriu a região para negociantes de poaia, fazendeiros e garimpeiros penetrarem, porém a fixação da população foi lenta e ficou restrita a parte do Alto Rio Doce e dos seus afluentes mais importantes sendo resultado da dispersão demográfica espontânea provocada pelo declínio da antiga região mineradora”²⁷.

Percebe-se que embora a economia da poaia esteja presente em vários estudos sobre Minas Gerais, e que sua relevância para a compreensão da economia mineira é significativa, o tema carece de abordagens mais específicas que visem estudar, qualitativamente, o impacto dessa prática sobre a economia mineira. Uma dimensão quantitativa do processo econômico em estudo pode ser evidenciada a partir de um estudo monográfico realizado por Adriano Toledo Paiva, no qual são apresentados alguns valores relacionados às quantidades de poaia exportada. Seguem os valores apresentados:

²⁵ ESPÍNDOLA, Haruf Salmén. **Sertão do Rio Doce...** Pag. 296

²⁶ ESPÍNDOLA, Haruf Salmén. **Sertão do Rio Doce...** pag. 412

²⁷ ESPÍNDOLA, Haruf Salmén. **Sertão do Rio Doce...** pag. 414

“A região exportava remessas de poaia: no terceiro trimestre de 1815 exportava-se para Campos dos Goitacases 12 quintais; em fins de 1827 enviou-se 22 arrobas; primeiro trimestre de 1828 encaminhou-se 32 arrobas; terceiro trimestre de 1828 15 arrobas; quarto trimestre do mesmo ano 10 arrobas; em 1832 exporta-se para São Fidélis 4 arrobas”²⁸

Os números citados acima se referem à região correspondente a bacia do Rio Pomba especificamente por meio da rota comercial que esta região mantinha com os Campos dos Goitacazes no Rio de Janeiro implicando a exportação da ipecacuanha e produtos da agricultura de subsistência destinados a praças comerciais fora dos limites da província das Minas Gerais. Expressiva, a extração da poaia consistiu em atividade de impacto econômico e social sobre os agrupamentos indígenas onde a prática do escambo/comércio envolvendo a poaia e a cachaça desempenhou um papel de desagregador social junto aos indígenas. Adriano Toledo Paiva também chama a atenção para o aspecto econômico do extrativismo da poaia devido a sua alta lucratividade reforçando a necessidade de um estudo capaz de analisar o espaço econômico circunscrito no entorno desta prática. Outro aspecto levantado por este autor refere-se à dependência social advinda do uso de aguardente pelos índios coletores de poaia que a obtinham a partir das relações baseadas no escambo que mantinham com os brancos palheiros, que ofereciam aos índios a cachaça e objetos manufaturados como moeda de troca pela poaia. Este processo revela ainda outra dimensão da economia da poaia que se desenvolvia a partir da interação entre os agentes sociais cujos interesses eram atendidos, sejam o acúmulo de objetos e obtenção de cachaça por parte dos nativos ou a coleta das ervas medicinais, no caso a poaia. Apresenta-se, portanto, outra possibilidade de análise que não tem sido contemplada pelos autores discutidos: trata-se do estudo do extrativismo da poaia por meio de um recorte sociológico que leve em conta as redes sociais estabelecidas pelos atores envolvidos, bem como a problemática do estabelecimento de territórios de influência dos grupos e a mobilidade das fronteiras constituídas ao longo do processo de colonização da região central da Mata Mineira em função da constituição de um espaço econômico. Uma vez reconhecida a grande influência da economia da poaia na formação deste espaço econômico, faz-se necessária uma abordagem que possibilite a percepção da atividade de coleta da ipecacuanha como um lugar de vivência e

²⁸ PAIVA, Adriano Toledo. “O Pernicioso comércio”: Aguardente e Drogas do sertão na fronteira colonial. In: _____ . **Das Trevas do Gentilismo às Luzes do Evangelho**”: Entrantes e Indígenas nos Sertões do Rio da Pomba. Monografia de conclusão do Bacharelado em História. Universidade Federal de Viçosa – Minas Gerais. 2007. (Pag. 52-68.) Pag. 57.

prática da cultura possibilitando o estudo das interações entre os agentes sociais e uma análise das reações de poder que permearam tal processo.

Metodologicamente, os textos aqui apresentados, embora ocupando diferentes posições em uma análise diacrônica, caracterizam-se por versarem sobre a região em estudo e, quando não especificamente, o fazem sob um recorte amplo que implica o recorte espacial deste estudo como elemento constituinte. A presença da utilização dos relatos de viajantes como fontes também marcam os trabalhos de Mercadante e Capistrano de Abreu evidenciando a importância de tais narrativas como fontes para o estudo em questão. Em relação ao objeto de estudo percebe-se que o tema “economia da poaia” aparece marginalmente sem, contudo, ter sua importância negada, o que indica a necessidade de uma investigação que se volte para tal processo abarcando os principais elementos envolvidos, quais sejam as redes sociais criadas no processo de antropização do ambiente florestal, analisando historicamente os agentes em busca dos seus elementos motivadores e as relações conflituosas. Os trabalhos de Paiva e Espíndola incluem como parte do corpus documental as correspondências oficiais emitidas por Guido Thomaz Marliere, responsável pelo processo de aldeamento dos indígenas na região do Pomba a partir de 1813 e também por destacamentos militares situados ao longo do Rio Doce, atividade que durou até o ano de 1829.²⁹ Estes documentos de natureza administrativa, que constituem excelentes fontes para a investigação sobre as formas de interação com a natureza e com os indígenas desenvolvidas ao longo do processo de colonização de uma região, formam um conjunto documental básico para as possibilidades de pesquisa elencadas. Considera-se, portanto que os autores mencionados, ao tangenciar o tema proposto em suas análises identificando a sua importância econômica nas minas oitocentistas, sugerem a necessidade de um estudo aprofundado que possa historicizar tal processo integrando-o a dinâmica econômica da capitania/província de Minas Gerais na primeira metade do século XIX. Tais aspectos reforçam a pertinência do tema de pesquisa proposto endossando ainda as suas contribuições para o conhecimento da diversidade e da dinâmica interna da economia mineira no primeiro e segundo quartel do século XIX.

²⁹ AGUIAR, José Otávio. Legislação indigenista e os ecos autoritários da “Marselhesa”: Guido Thomaz Marliere e a colonização dos sertões do Rio Doce. In: **Projeto História**, São Paulo, n.33, p. 83-96, dez. 2006.